

Esquecimento e desorganização

um grupo (in)formal de pesquisa

Albano Souza Oliveira
Ricardo Coutinho Mello

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

OLIVEIRA, AS., and MELLO, RC. Esquecimento e desorganização: um grupo (in)formal de pesquisa. In: SILVA, RRG., org. *Preservação documental: uma mensagem para o futuro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 53-66. ISBN 978-85-232-1221-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ESQUECIMENTO E DESORGANIZAÇÃO UM GRUPO (IN)FORMAL DE PESQUISA

*Albano Souza Oliveira*¹

*Ricardo Coutinho Mello*²

INTRODUÇÃO

Um e-mail em 18 de março de 2010 levou-nos a trabalhar de forma colaborativa em um grupo que começara a se formar dez dias antes. Um problema formulado por Lídia, convites que partiram de Rubens e Adriana e o pequeno grupo estava formado. Talvez poucas coisas nos unissem: escrever em português e ter como preocupação a preservação da memória, a preservação dos acervos. Então, 11 pessoas, três instituições e pouco mais do que 160 mensagens depois, concluímos aquele trabalho. Para Albano, restam: a “cápsula do tempo”, depositada sob o solo do *campus* de Ondina da Universidade Federal

-
- 1 Professor Assistente I do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia (ICI-UFBA); curador da Parede Galeria (ICI-UFBA); mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (PPGCI/UFBA); doutorando em Difusão do Conhecimento pelo Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, com sede na Universidade Federal da Bahia (DMMDC/UFBA).
 - 2 Professor Assistente I do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia (ICI-UFBA); coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Extensão (NEXT-ICI-UFBA); mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFBA); doutorando em Difusão do Conhecimento pelo Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, com sede na Universidade Federal da Bahia (DMMDC/UFBA).

da Bahia, as mensagens que trocamos, fotos e um vídeo de Ricardo, no Youtube. Mesmo assim, gostamos de acreditar que “ainda nos lembramos”.

ESQUECER E LEMBRAR E/OU ESQUECER

As articulações entre esquecimento e memória, bem como entre memória, existência e conhecimento permeiam a essência da espécie humana.

| 54 | Já foi dito que “para lembrar é preciso esquecer”. Mesmo assim, a possibilidade de esquecer atormenta a humanidade. Como confiar na memória humana ou nas memórias ditas artificiais? Como assegurar que, com o avançar da idade, o cérebro ou os dispositivos artificiais de memória continuarão a conectar conhecimentos e informações para gerar novos conhecimentos, lembrar o caminho de voltar para casa, ou da face do grande amor guardada no tempo? Como no filme *Somewhere in Time* (1980), quando Richard Collier (Christopher Reeve) recorre a uma biblioteca em busca de informações sobre Elise McKenna (Jane Seymour), tentando, de alguma forma, mesmo sem se dar conta, restabelecer a conexão com o momento em que ela lhe deu o relógio, oito anos antes, junto com um pedido de *come back to me*.³

Esboça-se assim um dos temas essenciais dos capítulos da Serra Morena [CERVANTES; El Engenhoso Fidalgo Don Quijote de La Mancha.]: o contraste entre a memória como traço durável do passado, recuperável por uma busca que pode ser dolorosa, semelhante à de Cardênio, e a memória considerada vulnerável, efêmera, apagável, como o é aquilo que se escreve ‘como uma espécie de rascunho’ sobre os librillos de memória. (CHARTIER, 2007, p. 53)

Da mesma forma que Don Quijote procurou uma folha de papel para escrever uma carta a Dulcinéia e não encontrou, obrigando à escrita em outro suporte que Sancho não entendia como válido e duradouro, nós, seres humanos, passamos grande parte do tempo

3 Volte para mim. (tradução livre)

produzindo, e coletando objetos de produção de sentidos, que, certamente, não resistirão ao tempo, não somente para atender tendências nostálgicas, ou de saudades.

E ainda assim, com espantoso otimismo, continuamos reunindo todo fiapo de informação que conseguimos recolher em rolos, livros e circuitos eletrônicos, enchendo prateleiras e prateleiras de bibliotecas, pouco importa se materiais, virtuais, ou de outro tipo qualquer, dedicando-nos pateticamente a conferir ao mundo uma aparência de sentido e ordem, mesmo sabendo muito bem que, por mais que preferamos acreditar no contrário, nossos esforços estão tristemente condenados ao fracasso. (MANGUEL, 2006, p. 11-12)

| 55 |

Para muitos pesquisadores, a memória é a base do conhecimento, uma forma de ligar eventos no tempo, relacionando acontecimentos do passado a eventos presentes. “Essa atividade de buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) é a forma possível para manter viva a memória da humanidade, forma essa em constante aperfeiçoamento”. (MILANESI, 2002, p. 9)

Mas, como determinar o que merece ser guardado e o que será apagado? Esquecer não é um delito, nós esquecemos e nossas instituições também esquecem. E esse vazio, atribuído ao esquecimento, também é produtor de sentidos, basta olharmos para as imagens do vazio deixado pelos ataques ao World Trade Center, ou para a falta de vestígios do voo Air France 447, desaparecido em 1 de junho de 2009 e só recentemente encontrado. De qualquer sorte, como diz o ditado popular: “recordar é viver”. E esquecer talvez seja um dos caminhos para sobreviver, aceitando a tensão entre memória e esquecimento, a vontade de esquecer, a necessidade de esquecer, pois a perda pode gerar a sensação de redescoberta.

O medo do esquecimento obcecou as sociedades européias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer. A pedra, a madeira, o tecido, o pergaminho e o papel

forneceram os suportes nos quais podia ser inscrita a memória dos tempos e dos homens. (CHARTIER, 2007, p. 9)

A escrita, as anotações, museus, arquivos e bibliotecas, em certa medida, nascem para dar conta do não esquecimento, para a preservação da memória, inclusive numa dimensão coletiva, às vezes como um sonho utópico, às vezes com um começo modesto e despreten-sioso.

Podemos vagar pelas estantes abarrotadas da Biblioteca de Alexandria, onde toda a imaginação e todo o conhecimento estão reunidos; podemos reconhecer em sua destruição a advertência de que tudo o que juntamos há de perder-se — mas também que boa parte do que perdemos pode ser reunido novamente; podemos aprender de sua ambição esplêndida que a experiência de um homem pode pela alquimia das palavras, tornar-se a experiência de todos, e como essa experiência, destilada mais uma vez em palavras, pode servir a cada leitor em particular para algum propósito secreto e particular. (MAN-GUEL, 2006, p. 37)

Às vezes, como no caso simbólico de Alexandria, já nasce com aspirações impossíveis que, vistas sob nosso ponto de vista histórico, já denotam algum tipo de alucinação, numa ambição megalomaníaca.

Ora, quem tudo guarda, nada tem ou, ao menos, não consegue acessar o que tem, o que é quase a mesma coisa. Caso exemplar é o do desaparecimento das fitas originais da primeira missão a Lua, informado pela NASA, e descrito em reportagem no jornal *A Tarde*. (NASA..., 2006) John Sarkissian, o cientista responsável diz que: “Eu só gostaria de esclarecer que as fitas não estão perdidas [...]”, apenas a NASA não sabe onde as fitas estão.

A memória não diz respeito à verdade, mas à construção de sentidos. Por isso é que duas pessoas que viveram juntas uma mesma situação têm, muitas vezes, recordações diversas. Reminiscências de experiências vividas, reconstruídas e inventadas. (Sem esquecer que a construção de recordações se dá a partir de uma ótica específica, a qual alia o lugar de onde está a testemunha a toda a sua história anterior.)

ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Disse-me Borges (2001, p.116), “[...] que o melhor lugar para ocultar uma folha é num bosque”. Imagine-se, então, a possibilidade de um e-mail perder-se em uma caixa-postal, uma anotação em um laboratório, ou um objeto digital em um computador.

A Segunda Grande Guerra (1939-1945), cujo líder alemão, Adolf Hitler, pretendia criar uma “nova ordem”, provocou profundas transformações e vítimas espalhadas no globo. A ordenação do mundo pretendida pelo chefe máximo do regime totalitário alemão deste período entendia necessária a eliminação das minorias através de classificações étnicas e religiosas. Desta forma, ele criou mecanismos para eliminação dos “diferentes”: ciganos, judeus, homossexuais e doentes, dentre outros.

Talvez a noção de desordem provocada por uma catástrofe destas proporções, como foi a Segunda Guerra Mundial, juntamente com a publicação da *Die Decimal Klassifikation*, logo depois do fim da guerra (1946), em Berlim, tenham sido motivações suficientes para a solicitação encaminhada a Bradford, para a publicação otimista, e até certo ponto aparentemente ingênua, do *Documentation*,⁴ em 1948, em Londres. Como se os vencedores da guerra, naquele momento, tivessem o direito e o dever de organizar o mundo.

Os fatos foram comprovados, sugerem um plano simples para trazer a ordem à desordem. Esse plano, [...] foi adotado pela Federação Internacional de Documentação. Antes, porém, de pô-lo em prática é necessário convencer os documentalistas de que esses fatos são reais e que esse plano simples é realizável. (BRADFORD, 1961, p. 196)

De tempos em tempos, as circunstâncias históricas levam a propor novas organizações, motivadas por interesses de determinados grupos. Neste sentido, uma pergunta possível é: organizar o mundo para quê, e visando o interesse de quem? Mas não se entenda disso uma dúvida extremada. Pois parecem indiscutíveis as profícuas

4 Texto clássico da Biblioteconomia.

contribuições dos que se dedicam à organização do conhecimento, e, neste sentido, de Lineu, o nada-modesto pai da moderna taxonomia, “[...] que costumava dizer: ‘Deus fez, Lineu organizou’ [e] que se tornou um dos maiores botânicos da história por ter estabelecido o princípio básico usado para classificar os seres vivos”. (BUCKERIDGE, 2008)

Organizar o caos em que nos encontramos parece fazer parte da mente humana, organizar conhecimentos, sejam eles sobre os seres ou outras esferas, parece fazer parte da construção da vida em sociedade.

Organizamos para possibilitar o acesso rápido, seguro e eficiente à informação. Em um primeiro momento, para a tomada segura de decisão, para a comprovação, para a garantia de direitos e deveres da instituição ou de pessoas, para um estudo retrospectivo, para a manutenção de um estoque informacional que possa servir de ponto de partida para novas atividades e, depois, para preservação do capital informacional, que permitirá um uso além das fronteiras da criação do próprio documento. (SOUZA, 2007, p.159)

Como dissemos, classificar está longe de ser uma necessidade nova. Vem desde que o homem sentiu a necessidade de armazenar conhecimentos para deixá-los disponíveis às futuras gerações. Mas, nem sempre a ordem é segurança da apreensão do conteúdo informacional, pois é preciso o ato da leitura para a posse da informação e “[...] a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos”. (CHARTIER, 1994, p.7)

Assim como nas cidades, talvez algo parecido ocorra com a informação, que, para ser experimentada, não digo plenamente por não acreditarmos nesta possibilidade, seria proveitoso se admitir também desordenada. “Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve”. (BENJAMIN, 1987, p. 227)

Elisa e eu trabalhamos muito para organizar estas duas novas bibliotecas. Às vezes ficávamos tão cansadas que acabamos inventando

uma brincadeira: ‘Com quem você acha que o James Joyce vai gostar de ficar na estante?’ Organizamos os escritores lado a lado. Era muito divertido decidir com quem colocaríamos, por exemplo, a Lygia Fagundes Telles (com o Antonio Candido? Não! Com o Rubem Fonseca!), começamos a imaginar os diálogos noturnos entre esses escritores. (ANTUNES, 2004, p. 66)

Portanto, organizar a informação é comparado à ação de modelagem ou de uma escultura e mesmo uma representação tridimensional que, ao ser iluminada, geram áreas de luzes e, simultaneamente, criam as regiões de sombra. Os objetivos da organização da informação nos moldes tradicionais permanecem os mesmos: armazenar, processar, preservar e recuperar.

Benjamin, (1987, p. 228) fala a respeito da relação sujeito e livros: “Assim, a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem”.

Neste sentido, é relevante admitir também esta relação para textos, e outros objetos, que se encontram codificados digitalmente. Uma relação que, de várias formas, possa dar conta das necessidades informacionais, não só do ponto de vista quantitativo, mas também qualitativo, das formas, e do que armazenar e tratar. Dizer que, ao longo da história dos seres humanos, buscou-se classificar e organizar é um clichê. Mas, sem dúvida, estas modelagens buscavam, e buscam, aproximar-se do funcionamento, que ainda imaginamos, do nosso sistema cognitivo, de sistemas filosóficos e das possibilidades, inclusive tecnológicas, de que ora dispõem-se. Para além disso, por vezes, é conveniente admitir a possibilidade de múltiplas abordagens em uma tentativa de impactar criativamente as pesquisas. Lembra Meadows (1999, p. 220) que “O aspecto positivo de um enfoque difuso, personalizado, para identificar informações pertinentes é que, embora não tenha o máximo de eficiência, é suficiente para satisfazer à maior parte dos requisitos do pesquisador.”

Uma das questões que parece relevante, mas que talvez ainda não tenha sido assumida com a profundidade necessária, é a poten-

60 | cialidade de se fazer ciência de forma “desordenada”, sem determinações de critérios prévios que poderiam e podem “engessar” a pesquisa antes mesmo do ponto de partida. Tomemos como exemplo as combinações e recombinações prováveis dos nossos e-mails trocados em prol do “Lançamento da Pedra Fundamental do ICI/UFBA”, ou das formas possíveis de organização, classificação, leituras e associações feitas por cada um dos envolvidos. Será que estas formas de organização do conhecimento podem ser assumidas como uma abordagem, como uma técnica, a ser estudada com o intuito de potencializar a pesquisa? Será que podemos tirar proveito deste sistema pessoal de organização inclusive para organizar nossos acervos em pequenos grupos de pesquisa?

É possível instituir uma biblioteca que imite essa ordem associativa e caprichosa, uma biblioteca que parecesse uma coleção aleatória de livros ao observador desinformado, mas que de fato seguisse uma organização lógica, ainda que profundamente pessoal? Consigo lembrar ao menos um exemplo [a famosa biblioteca de Aby Warburg]. [...] Seus conhecidos falavam de um ‘instinto’ que o guiava na compilação de bibliografias importantes sobre cada assunto que o interessasse, um instinto que o levou a rearrumar (e a continuar rearrumando) os livros nas estantes ao sabor das linhas de pensamento em que estivesse empenhado em determinada ocasião. Tal como Warburg a imaginava, uma biblioteca era sobretudo uma acumulação de associações, cada associação gerando uma nova imagem ou um novo texto, até que as associações devolvessem o leitor à primeira página. Para Warburg, toda biblioteca é circular. (MANGUEL, 2006, p. 165,170)

Diante do exposto, não vemos problema no contínuo reorganizar da informação, como uma aproximação ainda maior da nossa forma de criar e pensar. Em outros momentos da história, “[...] muitas bibliotecas da época parecem caixas de espécimes entomológicos alfinetados e etiquetados, a de Warburg mostrava-se ao visitante como um formigueiro envidraçado” (MANGUEL, 2006, p. 172), pois “[...] um livro [ou outro objeto informacional] clama inesperadamente por outro, criando alianças entre séculos e culturas diferentes”. (MANGUEL, 2006, p. 20)

Cabe, ainda, considerar que “[...] a organização em si não garante nenhum resultado positivo para um centro de informação real ou virtual”. (MILANESI, 2002, p. 84) Organizar a informação, admitindo-se também o aleatório, o pessoal, será, assim, importante critério na função de recuperar informação, e de impactar de forma inovadora nossas pesquisas.

Os processos de organização, e de organização das informações pelos sujeitos, podem adotar estratégias imprevisíveis, mas quase sempre partem no sentido de estabelecer conexões, de montar conjuntos, estabelecendo-se, de alguma forma, critérios de classificação.

| 61 |

Por exemplo, um pesquisador pode agrupar os documentos em várias pilhas diferentes espalhadas em seu gabinete. Esse sistema permite que os documentos sejam atribuídos temporariamente a um grupo, mas ainda permanecendo identificáveis visualmente, de modo que sejam reagrupados em outro lugar se necessário. O simples fato de um documento ficar largado é um lembrete constante de sua existência. Se ficar largado perto do topo da pilha isso pode ser ainda outro lembrete de que chegou há pouco tempo. Documentos empilhados perto de onde o cientista se senta podem ser aqueles pertinentes ao trabalho mais imediato: pilhas afastadas podem referir-se a trabalho menos urgente. Na realidade, o gabinete torna-se um método de organizar espacialmente as informações de uma maneira que se ajusta aos requisitos do pesquisador. (MEADOWS, 1999, p. 219-220)

Mas daí novas questões se apresentam, inicialmente na conceituação de bem-organizado e mal-organizado, e das incontáveis possibilidades que existem entre estas duas categorias. Uma busca de organização possível e potencial, e não simplesmente da melhor organização possível. Principalmente no que tange a acervos pessoais e de grupos de pesquisa, onde desenvolver a autonomia talvez seja o ponto chave.

O conhecimento pessoal, apoiado em coleções particulares de documentos, constitui o ponto de partida natural de todo cientista que esteja em busca de informação. Os cientistas diferem quanto à forma como organizam a recuperação da informação de seus arquivos particulares. Seus sistemas de arquivamento variam do caprichado ao bagunçado. Como é natural, quem possui gabinetes bem-arrumados

e arquivos bem-organizados tem melhores condições de encontrar os documentos de que precisa do que seus colegas não tão bem-organizados. No entanto, isso é apenas parte da história. Boa arrumação e organização dependem, em parte, do grau de facilidade da classificação dos documentos. O problema é que em geral um documento contém uma variedade de informações, das quais diferentes porções deveriam ser classificadas sob diferentes cabeçalhos. A menos que se façam várias cópias de cada documento, o original somente pode ser colocado fisicamente sob uma única classificação. (MEADOWS, 1999, p. 219)

| 62 |

Desta forma, podemos constatar que simplesmente um acervo bem organizado de informações, inclusive digital, não garante impactos significativos sobre o conhecimento, a inovação científica e sobre a ciência. Mas poderá contribuir com o trabalho de produtor de conhecimento.

Em última instância a pergunta poderia ser: os pesquisadores ainda usam seus computadores pessoais com farta capacidade de processamento e grande capacidade de memória como máquinas de datilografar, acesso à informação e meio de comunicação? Continuam procedendo a organização de suas informações de acordo com processos similares ao uso de pastas suspensas? Seriam estas pastas digitais suspensas, organizadas em arquivos de pastas suspensas digitais, distribuídas por tipos de objetos digitais, sob ordenação cronológica da criação ou alteração destes objetos, ou, além disso, sob a estrutura interna da pesquisa ou dos organismos de que fazem parte? Será que continuam tentando trabalhar de forma colaborativa trocando correspondências como era feito a centenas de anos?

Como premissa, parece-nos que a resposta a estas perguntas é positiva.

Sabe-se, porém, que os pesquisadores, os grupos de pesquisa poderiam, podem e poderão, efetivamente, expandir relações de pesquisa. Já trabalhamos com pessoas que nunca encontramos fisicamente, e também frequentamos aulas e bibliotecas de determinadas universidades sem nunca ter ido ao seu *campus*.

O IMBRICAMENTO CIÊNCIA/CIENTISTA/ INFORMAÇÃO

O aparentemente simples convite para participar de uma troca de mensagens com o intuito de ajudar a realizar um trabalho de cunho científico ou a escrita de um capítulo para uma coletânea e o cientista mergulha em um turbilhão de pensamentos, para ir ao encontro do vertiginoso crescimento de informações livres, talvez com uma fic-tícia perda de foco. Torna-se responsável por construções aparentemente irracionais, de afinidades sutis, e insuspeitas, numa produção contínua de conexões, de fabricação de pontes entre os dispersos, em busca do inusitado.

| 63 |

É uma corrida. Uma corrida para não ser mais um na multidão, uma busca de desafios. Nesta trajetória, muita coisa pode ser descartada, ou recombinação. Entretanto, se, de alguma forma, coisas “dão certo”, podem ser repetidas, como se isso fosse possível. A palavra flexibilidade não dá conta destas relações, mas é a que nos ocorre, em busca de um ponto de vista singular, mas, ao mesmo tempo, apenas mais um ponto de vista. Um paradoxo entre ter um objetivo e, ao mesmo tempo, não restringir as possibilidades de se direcionar ao alvo, quase um movimento irracional, numa nebulosa, como num sonho, que, olhado por outros, beira a insanidade. De certa forma, a ciência na sua aproximação com a lógica, pode se banhar em uma lógica mais mágica, que pode conduzir a organizar-se a partir da própria experiência de vida. Tudo isso, inclusive, na construção de sentidos na direção do que se deve, ou do que se deseja ignorar, e esquecer.

Grande parte da pesquisa hoje desenvolvida dá-se em grupos, mesmo que existam subprojetos pessoais. Como no funcionamento de um grupo de pesquisa, normalmente os interesses e recortes dos pesquisadores participantes estão contidos na temática específica do grupo, os subprojetos resultam sem a autonomia de que gozavam tempos atrás.

Não só isso. Já é bastante considerável o número de cientistas que se permitem um maior trânsito acadêmico, ampliando, assim, a possibilidade de acesso a um maior número de campos de conhecimento. Neste sentido, diversifica-se também a forma de acesso à informação, e a forma de se fazer ciência, isso mesmo sem considerar as características pessoais e dos grupos de pesquisa.

Na medida em que a pesquisa e a forma de pesquisar têm mudado, os cientistas vão se adaptando às novas formas de trabalhar, aos novos canais de informação, aos novos objetos informacionais. Assim, a práxis desempenha um papel essencial para o trilhar dos jovens cientistas. Paralelo à crescente variedade de formas de trabalhos compartilhados em grupos, cresce também a necessidade de autonomia dos jovens cientistas. De um transitar contínuo entre as atividades do grupo e as atribuições e desejos do indivíduo.

Neste sentido, as tecnologias de rede favorecem novas perspectivas de produção coletiva. Entretanto, pode existir um abismo entre as tecnologias disponíveis e o que delas se espera nas ampliações de possibilidades de novas práticas sociais.

Dependendo do tamanho e das características do grupo de pesquisa, muda a forma como este se relaciona com a informação. Inclusive, por consequência de como a rede social em que o grupo se insere, se estabelece. Desta forma, os trabalhos produzidos por esses grupos são também consequência da forma como estas relações se configuram.

Entenda-se que não estamos tratando apenas das relações que se dão através do computador e de suas tecnologias adjacentes, mas das relações dos grupos de pesquisa. Contudo, é singular como estas relações podem ser alargadas através de espaços digitais.

É como se todo esse esforço de relações convergisse para práticas de produção acadêmica, movimentos de leitura, tradução e codificação, em grande parte, escrita. Como se a maior parte do tempo fosse gasto nestas traduções, um aprendizado buscando novas compreensões, novas leituras, inclusive do que já foi lido. De fato, a leitura

às vezes não parece mais uma atividade solitária, e a tradução, e a escrita, às vezes, muito menos.

Continuamos a ler, e a escrever, por vezes de forma compulsiva, e ainda chamamos de “hábito”. Devoramos quase tudo que pressentimos poder se relacionar ao que estamos pesquisando. Gosto, amor... não vamos tentar “classificar” o que possamos sentir, mas podemos afirmar que não se trata de um pequeno desejo.

Enfim, apesar de quase tudo, parece-nos que, talvez, continuemos acreditando que precisamos nos organizar mais e melhor e inventando novas formas de não esquecer.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Cristina. *Memórias de uma guardadora de livros*. Florianópolis: Escritório do livro; São Paulo: Imprensa oficial do estado, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. Tradução de Lúgia Morrone Averbeck. São Paulo: Globo, 2001.

BRADFORD, S. C. *Documentação: leitores*. Tradução de M. E. de Mello e Cunha. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1961.

BUCKERIDGE, Marcos. *Deus fez, Lineu organizou*. Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=4583&bd=2&pg=1&lg=>>>. Acesso em: 12 abr. 2008.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: UNB, 1994.

_____. *Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI–XVIII)*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.

MANGEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Tradução de Antonio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. Cotia: Ateliê editorial, 2002.

NASA procura fitas originais do pouso na lua. Salvador: *A Tarde*, Salvador, p. 23, 16 ago. 2006.

SOMEWHERE in Time. Direção: Jeannot Szwarc. Roteiro: Richard Matheson. New York: Universal Pictures, 1980.

SOUZA, Renato. A classificação como função matricial do que-fazer arquivístico. In: SANTOS, Vanderlei (Org.). *Arquivística, temas contemporâneos*: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. Brasília: SENAC, 2007.